

EDUCAÇÃO, AMBIENTE E SOCIEDADE: A INTERDISCIPLINARIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA AMBIENTAL CRÍTICA NAS REDES VIRTUAIS NO COLÉGIO TÉCNICO DA UFRRJ

EDUCATION, ENVIRONMENT AND SOCIETY: INTERDISCIPLINARITY IN THE CONSTRUCTION OF A CRITICAL ENVIRONMENTAL PEDAGOGY IN VIRTUAL NETWORKS AT THE TECHNICAL SCHOOL OF UFRRJ

Adriana Maria Loureiro¹

¹ Doutoranda em Meio Ambiente pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Educação Agrícola pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Especialista em História Moderna pela Universidade Federal Fluminense e em Conhecimentos Tradicionais e Práticas Escolares na Educação Básica pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos – UNIFESO. Professora do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

RESUMO

Este é o resultado parcial de um trabalho realizado pela disciplina Educação, Ambiente e Sociedade ministrada por mim no Curso Técnico em Meio Ambiente no Colégio Técnico (CTUR) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), localizado no município de Seropédica, Baixada Fluminense, dentro do campus da UFRuralRJ. Proponho, neste trabalho, um olhar interdisciplinar para a escola e para a Educação Ambiental, seguindo, inicialmente, a legislação em vigor, assim como o diálogo com autores que tratam dessa questão, como Gusdorf e Japiassu. Entendendo que a interdisciplinaridade nasce do diálogo entre as disciplinas, utilizo a teoria da complexidade de Morin, destacando que os saberes podem e devem estar reunidos e não, fragmentados. Assim, proponho a construção, por meio do diálogo com o Cinema, a Literatura, a Educação Física, a Agroecologia, entre outras disciplinas, de uma concepção de Educação Ambiental crítica por parte dos atores envolvidos, através das redes virtuais, pois os conteúdos debatidos em sala de aula saem da escola para serem apresentados além-muros nas interações entre os discentes e a comunidade, na busca por uma sensibilização de questões que visem à ruptura da dicotomia homem-ambiente.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Educação Ambiental Crítica; Ensino Técnico; Redes Educativas.

ABSTRACT

This is the partial result of a work carried out by the subject Education, Environment and Society taught by me at the Technical Course on Environment at the Technical School of the Federal Rural University of Rio de Janeiro (CTUR), located in Seropédica, Baixada Fluminense, within the UFRuralRJ campus. I propose, in this work, an interdisciplinary approach to the school and to Environmental Education, initially following the legislation in course, as well as the dialogue with authors dealing with this issue, such as Gusdorf and Japiassu. Understanding that interdisciplinarity arises from the dialogue between disciplines, I use Morin's theory of complexity, emphasizing that knowledge can and should be gathered and not fragmented. Thus, I propose the construction, through dialogue with Cinema, Literature, Physical Education, Agroecology, among other disciplines, of a conception of Critical Environmental Education on the part of the involved actors, through the virtual networks, where the contents debated in the classroom leave the school to be presented beyond walls in the interactions between the students and the community in the search for an awareness of issues that aim at breaking the human-environment dichotomy.

Keywords: Interdisciplinarity; Critical Environmental Education; Technical Education; Educational Networks.

Iniciando o diálogo

O que pretendo apresentar com esse texto é um relato de experiência com o resultado parcial de um trabalho realizado pela disciplina Educação, Ambiente e Sociedade, componente curricular do 1º e do 2º ano – dependendo da modalidade em que o aluno esteja matriculado – do Curso Técnico em Meio Ambiente no CTUR. Localizado no município de Seropédica, Baixada Fluminense, mais especificamente dentro do campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, o Colégio Técnico da Universidade Rural oferece cursos técnicos – integrados (ou não) ao Ensino Médio (Agroecologia, Hospedagem e Meio Ambiente), Ensino Médio propedêutico e até um curso técnico subsequente (Agrimensura – o único curso noturno do colégio).

O curso de Meio Ambiente, criado pela deliberação 38, de 16 de abril de 2010, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, é oferecido em duas modalidades: integrado ao Ensino Médio e em concomitância externa (o aluno cursa ou cursou o Ensino Médio em outra escola e faz apenas as disciplinas técnicas no CTUR). Desde a sua criação, o curso já passou por três reformulações. A disciplina Educação, Ambiente e Sociedade, presente desde o ato de criação, teve sua carga horária ampliada de um para dois tempos semanais, o que foi considerado uma vitória em termos curriculares, se pensarmos que ainda existem disciplinas com maior e menor peso dentro das escolas. O aumento de carga horária para uma disciplina da área das Ciências Humanas, sem querer fazer juízo de valor, apenas (re)conhecendo o que ainda ocorre em muitas escolas, foi uma conquista importante.

Ao longo dos meus dez anos de trabalho nessa instituição¹, tenho percebido uma constante demanda apresentada pelos alunos por atividades que envolvam as Artes e áreas afins, se contrapondo ao currículo idealizado para os cursos técnicos e suas atividades voltadas para os fazeres considerados como mais práticos e voltados para o mundo do trabalho, até mesmo pelo senso comum. Como professora da disciplina citada no início desse texto, proponho, neste trabalho, um olhar interdisciplinar para a escola e para a Educação Ambiental, seguindo, inicialmente, a recomendação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, Resolução CNE de 15 de junho de 2012, que em seu artigo 8º, afirma: “a Educação Ambiental, respeitando a autonomia da dinâmica escolar e acadêmica, deve ser desenvolvida como uma prática educativa integrada e **interdisciplinar**” (grifo meu).

Acreditando que, a partir da especialização, poderia melhor conhecer “o todo a partir das partes”, o homem fragmentou o conhecimento. Segundo Klein (1996, apud Alvarenga et al, 2011, p. 14), entre os anos de 1300 e 1950, houve um aumento de sete para 54 campos de conhecimento e, em 1987, houve identificação de 8.530 campos, o que levou ao isolamento dos objetos. O homem decompôs

¹ Tempo à época em que o texto foi escrito.

os objetos e se encontrou em dificuldades para reuni-los novamente. Daí a importância da interdisciplinaridade, como uma alternativa para essa situação.

Entendendo, então, que a interdisciplinaridade nasce do diálogo entre as disciplinas, faço uso, aqui, da teoria da complexidade de Edgar Morin (2011), considerando interessante destacar que o autor afirma que os saberes podem e devem estar unidos e não, fragmentados. Segundo esse mesmo autor, a busca pela compreensão complexa da realidade não pode ser tarefa atribuída exclusivamente às disciplinas isoladas, mas deve também passar pela união dos conhecimentos que foram dispersos pelo homem a fim de produzir o que ele chama de “pensamento complexo”. Morin considera que a escola não pode deixar que sete saberes considerados por ele como “essenciais” deixem de entrar em seu mundo. Dentre esses saberes, destaco o que ele chama de “ética do gênero humano”, em que o autor relaciona e condiciona à natureza democrática do espaço ao qual nós, como humanidade, estamos inseridos: o planeta Terra. Essa seria, então, a condição necessária para o “nascimento concreto da Humanidade como consciência comum e solidariedade planetária do gênero humano” (MORIN, 2011, p. 114).

Além disso, foi buscada em Georges Gusdorf (1984) e Hilton Japiassu (2006) a noção de que Homem e Natureza, sendo pontos de partida e chegada do conhecimento, acabam por se revelar tão complexos que necessitam verdadeiramente da abordagem interdisciplinar para terem suas questões tratadas. Como nos afirma um desses autores, “no domínio das ciências humanas e do meio ambiente, por exemplo, os objetos de pesquisa revelam-se tão complexos que só podem ser tratados e solucionados por uma abordagem multi-, inter- ou transdisciplinar” (JAPIASSU, 2006, p. 26).

Dessa forma, a proposta deste trabalho é a de construção, por meio do diálogo com o Cinema, com a Literatura, a Educação Física, a Agroecologia, entre outras disciplinas, de uma concepção de Educação Ambiental que busca uma forma de ultrapassar os muros da escola, a fim de levar a discussão sobre os temas levantados nos encontros entre a professora e os seus alunos para além da sala de aula.

Educação, Ambiente e Sociedade

Como já foi aqui afirmado, a disciplina Educação, Ambiente e Sociedade está presente na matriz curricular do curso técnico em Meio Ambiente do CTUR, desde a sua criação. A disciplina tem uma característica muito interessante, pois ela nasce sem preconceitos de dialogar com as outras. Falar sobre os três assuntos que compõem a disciplina, permite à docente levar temas dos mais diversos para debater em sala e mostrar para os alunos que é fundamental, para qualquer disciplina, se colocar dentro da conjuntura para ser compreendida e melhor apreendida. Mas é importante destacar a fala de Ivani Fazenda sobre interdisciplinaridade, em que a autora afirma que “ela (a interdisciplinaridade) decorre mais do encontro de indivíduos do que de disciplinas” (FAZENDA, 2003, p. 71). Confesso que cheguei para essa empreitada de implementar uma nova disciplina livre de algumas amarras e tenho buscado, ao longo desses anos, o diálogo com outros indivíduos que podem enriquecer e fazer dos encontros com

os alunos momentos de sensibilização acerca do que é vivido historicamente e das possibilidades que se apresentam.

Em meu trabalho docente, entendo que, como afirma Mauro Guimarães (2004), a Educação Ambiental não se realiza sozinha, mas nas relações do ambiente escolar, nas interações entre os diferentes atores, conduzida por um sujeito. Compreendo também que há diversas concepções de Educação Ambiental e que a Educação não é neutra, assim, assumo minha escolha por trabalhar com a vertente crítica, pois considero importante esclarecer que tal opção se dá pela abordagem sociopolítica dessa identidade da Educação Ambiental, em contraposição, por exemplo, à abordagem técnica da Educação Ambiental dita conservadora, por compreender que tal escolha poderá proporcionar uma maior reflexão, enfrentamento dos conflitos, justiça ambiental, mobilização coletiva e autonomia dos sujeitos para continuidade das ações.

Entendo ainda que há diferença entre o processo formativo em Educação Ambiental e o processo formativo do Educador Ambiental, como afirma Isabel Carvalho (2005), outra referência deste trabalho; assim, procuro o equilíbrio entre diálogo e ações conjuntas para encontrar melhores respostas para o trabalho na disciplina. Busco formar o educador, mas principalmente, sensibilizar os educandos e promover educação ambiental a partir de questões do cotidiano e da análise da conjuntura econômica, política e social. A esse respeito Jacobi (2003) salienta que:

A educação ambiental, como componente de uma cidadania abrangente, está ligada a uma nova forma de relação ser humano/natureza, e a sua dimensão cotidiana leva a pensá-la como somatório de práticas e, conseqüentemente, entendê-la na dimensão de sua potencialidade de generalização para o conjunto da sociedade. Entende-se que essa generalização de práticas ambientais só será possível se estiver inserida no contexto de valores sociais, mesmo que se refira a mudanças de hábitos cotidianos. A problemática socioambiental, ao questionar ideologias teóricas e práticas, propõe a participação democrática da sociedade na gestão dos seus recursos atuais e potenciais, assim como no processo de tomada de decisões para a escolha de novos estilos de vida e a construção de futuros possíveis, sob a ótica da sustentabilidade ecológica e a equidade social. Torna-se cada vez mais necessário consolidar novos paradigmas educativos, centrados na preocupação de iluminar a realidade desde outros ângulos, e isto supõe a formulação de novos objetos de referência conceituais e, principalmente, a transformação de atitudes. (JACOBI, 2003, p. 200)

Assim, procuro aliar a concepção de Redes Educativas, de Nilda Alves (2002), que propõe a articulação de saberes e disciplinas, com todos trabalhando juntos para poder tecer um espaço maior de conhecimento, aos estudos de Cibercultura e Educação, de Edméa Santos, que afirma que o ciberespaço

se constitui e é constituído pelas tecnologias digitais em rede, que é para nosso tempo um dos mais importantes artefatos técnico-culturais, pois ampliam e potencializam a nossa capacidade de memória, armazenamento, processamento de informações e conhecimentos, e, sobretudo, de comunicação. (SANTOS, 2011, p. 77)

Nesse sentido, buscamos, com esse trabalho coletivo que envolve a professora e seus alunos, levar o debate sobre Educação Ambiental para além da sala de aula pelo eio virtual. Como já foi

afirmado, a disciplina Educação, Ambiente e Sociedade possui uma característica muito favorável ao trabalho interdisciplinar. Desta forma, salienta Heloisa Luck que:

Interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração e engajamento de educadores num trabalho em conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de um mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual. (LUCK 2003, p. 64).

Compreendendo isso, reafirmo que o trabalho interdisciplinar não é imposto e sim, construído. Buscamos – professora e alunos – inspirações em notícias, em letras de música, para além dos textos acadêmicos. Assistimos a filmes, visitamos museus, espaços ecológicos e até já tivemos, por exemplo, palestra para falar sobre consumo sob a visão de Eça de Queirós em *A Cidade e as Serras*, como atividade de classe, em um “almoço queirosiano” para também refletirmos sobre a vida no campo e na cidade.

As reflexões sobre esses poemas, filmes, palestras, aulas-passeio, e até oficinas realizadas por/para as turmas são postadas pelos alunos em *blogs*, *tumblrs*², sites, grupos e páginas em redes sociais, permitindo acesso público aos conteúdos desenvolvidos na escola e buscando maior envolvimento da comunidade como um todo. Dessa forma, o público atingido se torna bem maior do que aquele que frequenta as aulas, e posso ver interação, comentários e reações provocadas por postagens de meus alunos a partir das discussões de sala de aula.

Iniciei essa proposta em 2014, sob a forma de avaliação. Aos poucos fui percebendo que era mais do que isso. Tratava-se de processo formativo. Através do uso da linguagem desses jovens e da sua atuação em rede, houve a possibilidade de uma troca de conhecimentos, além da divulgação e ampliação do debate e das ideias. O tempo de permanência na escola se tornou um período de reflexão sobre a sociedade, assim como de discussões, de sensibilização acerca das questões que envolvem a busca pela superação da dicotomia homem-ambiente (que colocou o ambiente a serviço do homem e nos levou à crise ambiental). Através e para além das máquinas, que servem não somente de meio para conduzir os resultados dessas reflexões/discussões, mas também para promover interações entre os discentes e a comunidade à qual eles estão inseridos, é possível expandir a sala de aula e seu campo de atuação por meio das redes virtuais. Nas palavras de Iolanda Cortelazzo:

Imersos numa rotina escolar que os massacra e os limita na busca de novos horizontes, os professores deparam-se com tantos problemas, tantas questões sociais que chegam à escola mais as cobranças administrativas, como o preenchimento de quadros de planejamento de aulas, relatórios, participação em cursos, etc. e mantém uma cultura de conformismo e acomodação. Por outro lado, constatam-se casos de educação inclusiva transformadora e emancipadora nas

² Plataforma para hospedar blogs do mundo todo, onde blogueiros compartilham imagens, músicas, vídeos e textos.

práticas docentes em escolas por todo o país. Desde a educação infantil aos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, há exemplos de ações educativas isoladas ou colaborativas que indicam a viabilidade e a exequibilidade da inclusão respeitando-se o contexto sociocultural, reforçando a identidade local e seguindo as orientações das políticas educacionais nacionais. Professores isolados em suas escolas nas regiões rurais descobrem e inventam soluções para os problemas locais. Há uma riqueza de experiências silenciosas que concretizam a educação inclusiva. Essas experiências precisam ser investigadas, documentada e esses exemplos precisam ser divulgados e multiplicados pela ação proativa de educadores nos cursos de educação superior em projetos de parceria com as secretarias de educação estaduais e municipais e as escolas da educação básica. Afinal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional já anunciava em 1996 (ano da Declaração de Salamanca) regulamentação da educação especial. Este texto refere-se a ela, aqui, neste ponto, pois está é uma das lacunas na formação dos gestores e professores: a interpretação e a compreensão do que a lei estabelece para além da sua simples leitura. (CORTELAZZO, 2012, p. 101)

Os blogs do meio ambiente

Tratados de forma genérica como *blogs*, a inserção virtual dos alunos do CTUR nas redes para o debate sobre Educação Ambiental não se dá unicamente nesse formato. Podem ser *sites*, páginas ou grupos em redes sociais, ou até mesmo nos desconhecidos (até certo momento, para mim) *tumblrs*. O interessante é que os estudantes se sintam à vontade para levar, na sua linguagem, o assunto para fora da escola, provocando a curiosidade de seus interlocutores e buscando a sensibilização dos mesmos.

Sempre é solicitado a eles que se apresentem, assim que criarem o “*blog*”. Como se trata de um trabalho público, é importante que as pessoas saibam quem eles são, onde estudam e qual disciplina representam. Sim, falo em disciplina, apesar de fazer uma proposta de trabalho interdisciplinar, pois é preciso deixar claro – e retomar o assunto – que interdisciplinaridade nasce de conhecimento disciplinar consistente em busca do diálogo. Além dessa tarefa inicial, a tarefa final deles é avaliar o próprio formato do trabalho, como podemos ver na Figura 1. É um retorno que considero importante para saber o que pode melhorar para o(s) ano(s) seguinte(s).

Figura 1: avaliação final do *tumblr* Boletim Ambiental



Fonte: Boletim Ambiental, disponível em <https://boletimambiental.tumblr.com/>

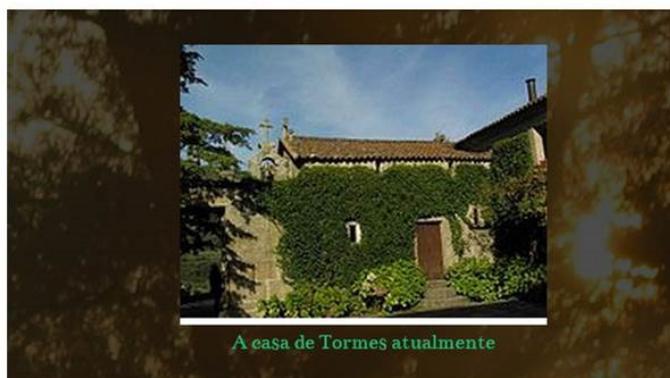
No restante do ano, eles estão, pode-se dizer, livres para postar aquilo que surge nas aulas e chama a sua atenção, aquilo que o grupo considera importante na busca pela sensibilização de outros grupos para a questão ambiental. Sem esquecer que são jovens e se interessam por divulgar fotos da turma em aulas-passeios ou em atividades internas na escola, como podemos ver em alguns exemplos abaixo, nas Figuras 2 e 3, que retratam uma visita ao campus do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) em Pinheiral, quando visitaram o Espaço Ecológico Educativo para conhecer o conceito de trilhas interpretativas; e uma referência ao já citado “almoço queirosiano”, respectivamente:

Figura 2: Registro da aula-passeio dos alunos do curso de Meio Ambiente do CTUR no Espaço Ecológico Educativo do IFRJ – campus Pinheiral



Fonte: Envolvimento Sustentável, disponível em <https://www.facebook.com/envolidos26/>

Figura 3: Registro feito após o almoço queirosiano

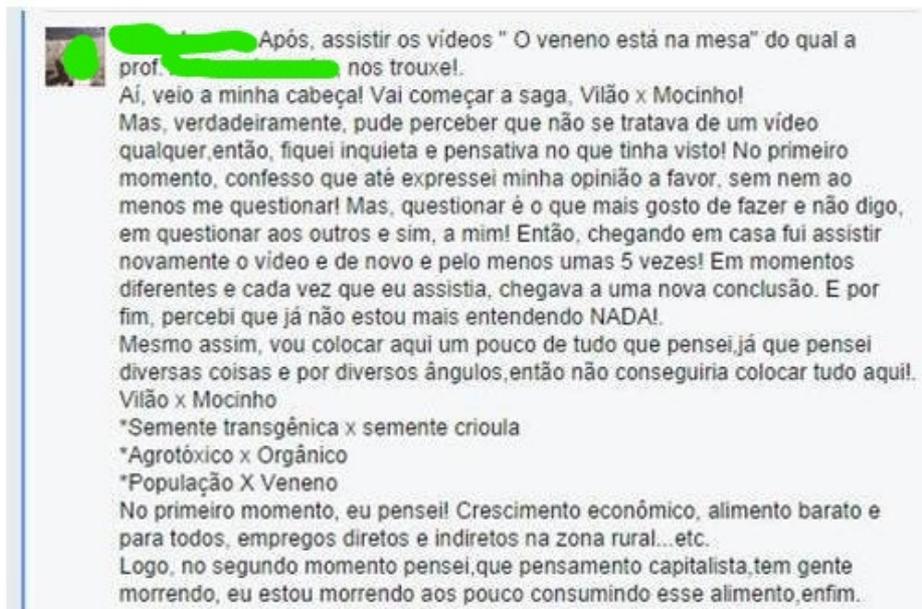


Fonte: Blog Juventude Econsiente, disponível em <http://cturianos.blogspot.com.br/>

Referências a atividades realizadas em sala de aula estão também presentes na rotina desses trabalhos, como impressões sobre o uso de agrotóxicos, após assistirem e debaterem sobre o filme “O Veneno está na Mesa”, de Silvio Tendler³ (2011), como pode ser observado na Figura 4.

³ Documentário brasileiro com duração de 50 minutos que fala sobre o uso de agrotóxicos e o risco à saúde pública no Brasil.

Figura 4: Relato de uma aluna sobre o filme “O Veneno está na mesa”



Fonte: Grupo administrado pela aluna no Facebook, disponível em <https://www.facebook.com/groups/1387158241561671/?fref=ts>

Muitas têm sido as opções de postagens por parte dos alunos. Nem sempre eu tenho condições de controlar o que eles decidem publicar, mas considero que esse tipo de atitude faz parte da construção da autonomia intelectual deles. Como já foi afirmado neste trabalho, não concordo que haja neutralidade nas ações, assim, entendo que as escolhas dos alunos por suas postagens vêm carregadas de suas experiências, vivências e são, portanto, suas escolhas políticas.

Retomando as pesquisas de Edméa Santos, considero importante também ressaltar que a autora afirma que

Com o avanço tecnológico, mais especificamente por conta mobilidade dos dispositivos e da internet, das mídias locativas, das tecnologias via satélite, que conectam o ciberespaço com as cidades e estas com o ciberespaço, não podemos mais entender a cibercultura apenas como a cultura da internet. Por outro lado, é preciso reconhecer os avanços da internet e como essa rede mundial de computadores vem interagindo com diversos *espaçostempos* cotidianos. (op.cit., p. 83)

Assim, é possível observar que a rede de computadores se torna uma ferramenta, entre outras possíveis, dentro dessa cultura na qual a juventude se encontra imersa, para divulgação de ideias, de debates e novas propostas. Vejo essa possibilidade como uma condição de crescimento para meus alunos do ponto de vista pessoal, ecológico, humano e intelectual.

Concluindo

Como afirmado desde o início, esse relato é um trabalho em processo de avaliação por parte dos atores envolvidos. No entendimento de que o trabalho educativo está em constante construção e é produzido no diálogo entre os sujeitos desse mesmo processo, reafirmo que esses são os resultados parciais de um projeto desenvolvido por mim e que se renova a cada ano, dentro de uma mesma perspectiva na busca por uma Educação Ambiental contínua e transformadora.

Percebo, ao longo de minha trajetória nesse caminhar, que as mudanças surgem a partir do diálogo, uma das bases para uma educação emancipatória, como afirma Paulo Freire. Ponto de destaque na obra do autor, e que também está alicerçado na estrutura dialética, é o que ele chamou de “*Pedagogia da Autonomia*”. Segundo o autor, a autonomia é de suma importância na construção de sociedades livres, plenas em direitos e verdadeiramente democráticas, em que os atores sociais tenham voz e vez para dizer o que realmente desejam e querem na construção coletiva de sociedades melhores, mais justas e humanas.

A construção dialógica e cultural da autonomia pressupõe a relação direta de pessoas com outras pessoas e, todas elas, com o conhecimento. Nos processos de aprendizagem que daí derivam, Paulo Freire salienta que:

Como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não me posso permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado, negar que o meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador. Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos, se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar com estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação. (FREIRE, 2013, p. 70)

Esse diálogo é o que propicia, desde a proposta de trabalho interdisciplinar até o processo formativo dos alunos em Educação Ambiental, por meio das redes virtuais, a busca pela autonomia, tanto docente quanto discente. Tal diálogo é que move esse trabalho e tem produzido resultados, até o momento, positivos e muito mais consistentes do que se meras avaliações bimestrais.

Referências

ALVARENGA, Augusta Thereza de et al. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JR., Arlindo (org.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri: Manole, 2011.

ALVES, Nilda (org.). **O sentido da escola**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Resolução n. 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 15 jun. 2012. Disponível em

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10988-rcp002-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 15 abr. 2017.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. A invenção do sujeito ecológico: identidade e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Educação Ambiental**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CORTELAZZO, Iolanda Bueno de Camargo. Formação de professores para uma Educação Inclusiva mediada pelas tecnologias. In: GIROTO, Claudia Regina Mosca; POKER, Rosimar Bortolini; OMOTE, Sadao. (Orgs). **As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas**. Marília. Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.P. p- 93-120.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação de Educadores Ambientais**. 3 ed. Campinas: Papirus, 2004.

GUSDORF, Georges. **Para uma pesquisa interdisciplinar**. Diógenes, n. 7. Brasília: Editora da UnB, p. 25-44, 1984.

JACOBI, Pedro. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, n. 118, março/ 2003 Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189-205, março/ 2003. P-p. 189-205.

JAPIASSU, Hilton. **O sonho transdisciplinar e as razões da Filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

QUEIRÓS, Eça. **A Cidade e as Serras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

SANTOS, Edméa. A Cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, Helena Amaral da & SILVA, Marco (orgs.). **Práticas Pedagógicas, Linguagem e Mídias: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011. Disponível em: <<http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/livro1.html>>. Acesso em 15 de abril de 2017.